

**ORGANIZADORES**

Cláudia Peixoto de Moura

Fernando Ferreira de Almeida

Genio Nascimento

Robson Bastos da Silva

**FÓRUM ENSICOM**  
**fontes e ações para o**  
**ensino de comunicação**  
**no Brasil**  
**EDIÇÃO ESPECIAL**

1ª edição

São Paulo, 2023



**INTERCOM**

# **Fórum Ensicom: fontes e ações para o ensino de comunicação no Brasil - edição especial | 1ª edição**

© Intercom

**Projeto gráfico, diagramação e capa**  
Gênio Editorial

**Revisão**  
Cláudia Peixoto de Moura

## **Ficha Catalográfica**

---

Fórum Ensicom: fontes e ações para o ensino de comunicação no Brasil - edição especial / Cláudia Peixoto de Moura, Fernando Ferreira de Almeida, Genio Nascimento e Robson Bastos da Silva (orgs). - São Paulo : Intercom, 2023.

Vários autores  
e-book  
ISBN: 978-85-8208-138-9

1. Comunicação. 2. Ensino superior. 3. Graduação. 4. Forma I. Moura, Cláudia Peixoto de. II. Almeida, Fernando Ferreira de. III. Nascimento, Genio. IV. Silva, Robson Bastos da. V. Título

CDD: 300

---

**Educomunicação e ensino  
da comunicação, a formação  
docente**

*Ismar de Oliveira Soares*

## **Educomunicação e Ensino da Comunicação, a Formação Docente**

*Ismar de Oliveira Soares*

### **Resumo**

O artigo objetiva identificar as relações existentes entre o paradigma educacional e o ensino da comunicação, apontando para a emergência de um pensamento questionador sobre a tradicional forma de abordar o processo pedagógico nos cursos superiores voltado para a área. Para tanto, o artigo parte do registro de que a Educomunicação marca presença, hoje, em todos os níveis de educação, no Brasil, desde infantil até o universitário, tendo se aproximado do ensino da comunicação por uma demanda dos próprios discentes representados pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS), em 2008. Neste contexto, o presente texto busca resposta para a pergunta: *Que contribuição pode a Educomunicação oferecer aos professores do ensino superior?* A resposta aponta para uma linha de ação transgressora dos modelos tradicionais de práticas educativas e comunicativas, em que a Educomunicação, o Ensino da Comunicação e a Formação Docente estão imbrincadas, num processo de construção de um ideário de formação que leve em conta a necessidade de se assumir uma postura problematizadora do *status quo* estabelecido pela ciência oficial positivista. No caso, o caminho proposto é da transmetodologia.

**Palavras-chave:** Educomunicação, ensino da Comunicação, formação docente, transmetodologia.

## A Educomunicação chega à ABL

**A** Academia Brasileira de Letras adotou, em 2021, uma prática inovadora: apresentar, a cada nova semana, uma palavra ou expressão que, mesmo fora dos dicionários clássicos, tinha uso corrente na língua portuguesa. O novo vocábulo poderia ser um neologismo ou mesmo um empréstimo linguístico que, apesar de já existir há algum tempo na língua, estaria sendo empregado com mais frequência ou com um novo sentido nos dias de hoje.

Pois bem, a palavra, reconhecida com sentido próprio, pela ABL, na terceira semana de julho de 2021, foi o substantivo feminino “Educomunicação”<sup>1</sup>, apresentado como um novo conceito a ser imediatamente incluído em todos os dicionários da língua portuguesa, com os seguintes termos:

Palavras relacionadas:

**Educomunicador** adj. s.m., **educomunicativo** adj. (cultura **educomunicativa**, vivências **educomunicativas**)

Definição:

1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais

---

1. <[academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao](http://academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao)>.

(meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.

2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.

O que não surpreendeu - mas não deixou de ser notado - foi o fato de a Academia haver decidido fazer uso, de forma textual, dos mesmos elementos definidores propostos para o conceito, com duas décadas de antecedência, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (Soares, 1999), quando - com apoio da FAPESP - encerrou seu trabalho investigativo em torno à interface Comunicação/Educação e seus profissionais, na América Latina. Em outras palavras, a ABL naturalizava e oficializava um olhar para o conceito.

O inesperado crivo da Academia só fez realçar a legitimidade alcançada pela prática correspondente ao termo, mobilizando sistemas públicos e privados de ensino, bem como programas públicos de grandes dimensões em áreas como saúde, ecologia e desenvolvimento social. Foi o que constatou recente artigo da revista *Comunicação & Educação*, de autoria dos pesquisadores Thiago Reginaldo & Ademilde Silveira Sartori, da Udesc, ao registrar que, no âmbito do ensino, a Educomunicação já havia marcado presença no final da segunda década do século XXI, em

todos os níveis de educação, no Brasil, desde infantil até o universitário (Reginaldo & Sartori, 2020, p. 71).

### **Uma Educomunicação, para a Pedagogia**

As evidências da aproximação entre o paradigma educ comunicativo e as práticas de ensino são numerosas. Dois exemplos demonstram que esta inter-relação não tem encontrado obstáculos de natureza político-administrativa ou acadêmica ao se aproximar dos programas educativos vigentes. Referimo-nos, de um lado, à decisão da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, em adotar a “Educomunicação” como referencial para a toda a rede pública de educação, num processo que teve início em 2001, contando, em seu começo, com a colaboração direta da Universidade de São Paulo, representada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA e que se mantém com vigor crescente, tendo sobrevivido a sete administrações municipais de diferentes orientações políticas<sup>2</sup>. E, de outro, contamos, no espaço latino-americano, com projetos intercontinentais, como o denominado “Articulación de la Educomunicación en el desarrollo integral y solidario de la niñez y adolescencia latinoamericana y caribeña – *RedEducom*”<sup>3</sup>.

No caso da Prefeitura de São Paulo, a política de Educomunicação teve início com o Projeto Educom.

2. <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/educunicacao>

3. <reducom.org>

rádio (2001-2004), destinado a reduzir a violência em 454 escolas do ensino fundamental a partir da prática comunicativa dialógica e colaborativa, tendo sido continuada com ações articuladoras de adolescentes, como o Imprensa Jovem. Hoje, tendo como base jurídica a Lei Educom (Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004), a Educomunicação converteu-se em referencial teórico-metodológico para o próprio currículo escolar, envolvendo cada uma das escolas da rede municipal, do ensino infantil ao médio, criando condições para a celebração de uma parceria internacional com a UNESCO em torno a um intenso e criativo trabalho relacionado aos ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável<sup>4</sup>.

Já no âmbito latino-americano e caribenho ganha relevância o fato da Rede Salesiana de Escolas haver optado pela Educomunicação já no ano de 2000, a partir de um encontro ocorrido em Caracas, com a participação de uma assessoria do NCE/USP. No Brasil, o conceito ganhou espaço próprio na definição dos parâmetros institucionais de qualidade educacional das escolas salesianas, a partir do documento denominado “Currículo da Rede Salesiana Brasil de Escolas:

---

4. No caso, o projeto Estudante Mediador dos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) é uma iniciativa que visa preparar alunos do projeto Imprensa Jovem para desenvolver intervenções sociais com as mídias na comunidade. São propostas para promover o combate à fake News e à desinformação, discutir saúde e bem-estar e potencializar as competências socioemocionais. <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/educomsp>.



caderno 6 – parâmetros institucionais de qualidade educacional” (Sberga; Silva & Almeida, 2021, p. 185), que, na subdimensão 4.2 define a Educomunicação como:

Um novo âmbito de intervenção da comunicação social, também compreendida como um componente do processo educativo, que coloca a educação e a comunicação em uma relação dialógica e estratégica a serviço do desenvolvimento pessoal e social do ser humano, por meio de uma busca permanente de respostas teóricas e práticas às complexas questões da contemporaneidade.

E justifica:

A Educomunicação fundamenta-se na convicção de que a pessoa humana é um ser que vive em relação com o tempo e com o espaço, nas interações e intervenções sociais e culturais. Portanto, a práxis não se limita apenas a um projeto de comunicação a ser implantado, mas é uma abordagem a partir da qual se configura um ecossistema educativo, que envolve todos os agentes da comunidade educativo-pastoral.

Para que a Educomunicação seja implantada e vivenciada nas escolas, são estabelecidos cinco parâmetros:

- 1º. Desenvolver projetos educativos interdisciplinares voltados para a prática educacional;
- 2º. Oferecer ações formativas e organizar grupos de estudo sobre a alfabetização midiática e informacional para os estudantes;

- 3º. Oferecer formação adequada para os professores trabalharem com o desenvolvimento de habilidades e de competências relacionadas à alfabetização midiática e informacional;
- 4º. Interagir com diferentes instâncias educativas, sociais e culturais da sua região, promovendo o diálogo intercultural, a participação cidadã e o engajamento dos estudantes em vista da transformação social;
- 5º. Promover ações voltadas para o desenvolvimento sustentável e para o cuidado com o meio ambiente.

Os dois exemplos que acabamos de apresentar, caminhando na mesma direção, permitem aferir que algo novo e singular estaria ocorrendo na interação entre a Comunicação e Educação. Foi o que mobilizou inúmeros grupos de educadores brasileiros a retomar o tema no momento mesmo em que o Ministério da Educação apresentava a proposta de se refundar a prática de ensino, no Brasil, a partir do que se denominou como BNCC – Base Nacional Comum Curricular<sup>5</sup>. Na ocasião, produzimos três artigos<sup>6</sup>,

---

5. A elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreendeu a produção de três versões, entre setembro de 2015 e dezembro de 2017.

6. São eles: “A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico” (*Comunicação & Educação*, 2016); “A educomunicação na segunda versão da BNCC: Caminhos para uma alfabetização midiática e informacional integrada ao currículo” (ABPEducom, *Educomunicação e Alfabetização Midiática: conceitos, práticas e interlocuções*, 2016) e “A articulação entre Educomunicadores e Mídia-Educadores: no contexto da reforma curricular do ensino básico (BNCC),

demonstrando que, sem que a comunicação fosse introduzida nos fundamentos da educação, a partir das perspectivas defendidas por autores como Paulo Freire, a própria implementação da BNCC corria o risco de não ser consumada.

A certeza de que a Educomunicação poderia cumprir um papel renovador no espaço educativo acabou sendo comprovada empiricamente pelas pesquisas por nós orientadas nos últimos 30 anos no programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. Das 48 investigações que acompanhamos, 15 (ou 30%) tiveram como objeto de análise a presença da ação educomunicativa na prática escolar.

São exemplos deste esforço investigativo o doutorado de Luci Ferraz Mello (2016) que abordou o tema da “Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico”, bem como o mestrado de Michele Marques Pereira (2021) dedicado à infância, com o tema: “A fotografia na educação infantil: Perspectivas Educomunicativas”.

Coube à Elisangela Rodrigues da Costa (2018) debruçar-se sobre uma análise da relação do conceito com duas distintas redes de ensino, com o título: “Educomunicação e as políticas públicas:

---

(ALFAMED, *II Congresso Internacional de Educação Midiática*, 2017). Ver os dados completos destes artigos na sessão dos referenciais bibliográficos.

Estudo comparativo em educação midiática nas redes municipais de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo”. Foi justamente no contexto da relação entre Educomunicação e ensino que os já referidos autores T. Reginaldo & A. Sartori produziram o estudo denominado: “Da pedagogia da Educomunicação à pedagogia na Educomunicação” (*Comunicação & Educação*, 2020).

### **Educomunicação e suas possíveis influências no ensino superior**

Até este momento, nos detivemos na relação da Educomunicação com os ensinos infantil e básico. No que toca o ensino superior, tivemos a ocasião de trocar impressões sobre o tema em texto que produzimos para o Fórum ENSICOM, sob o título: “Educomunicação: um diálogo com os cursos de Comunicação Social, no Brasil” (Soares, 2017). Neste *paper* revelamos que a procura pelo novo paradigma a partir do âmbito do ensino superior teve sua origem no próprio movimento estudantil, ainda na primeira década do século. O fato ficou evidenciado em dois Encontros Regionais de Estudantes de Comunicação (ERECOM), realizados entre 30 de abril e 04 de maio de 2008, respectivamente, em Juazeiro (BA) e em São Paulo (SP), para os quais a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS) convidou um representante do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

O tema do *ensino de qualidade para melhor servir o mercado* - mote das reformas curriculares dos anos 90 - passara a ser confrontado, pelos alunos, que pediam uma *educação de qualidade* que possibilite ao futuro profissional converter-se em agente promotor da cidadania e dos direitos de expressão de todos os grupos sociais (Soares, 2017, p. 22). A questão em jogo, na verdade, não era expressamente a manifestação de interesse pela instalação de cursos específicos, mas um pedido de revisão dos programas de ensino já existentes, à luz da prática educacional. Tratava-se, em última análise, de um esforço para superar as barreiras criadas pelos modelos tradicionais e hegemônicos de formação dos profissionais na abrangente área da Comunicação Social, no Brasil.

A queixa dos estudantes fazia coro às manifestações anteriores por parte de docentes da área, como a profa. Maria Ângela Mattos (2005) que, em texto para o 4º SOPCOM, evento da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, em Aveiro, Portugal, havia proposto um olhar panorâmico sobre as sucessivas diretrizes voltadas à formação dos profissionais da área, todas formuladas no âmbito abrangente daquilo que a autora denomina como “Universidade de Serviços”, voltada proeminentemente às demandas do mercado. Proposta semelhante havia sido feita pela profa. Maria das Graças Conde Caldas (2005) que, em estudo publicado no mesmo ano, falava sobre “Ética e cidadania na formação do jornalista”.

Por sua vez, Maria Cristina Rosa de Almeida, em artigo de 2011, socializava a perspectiva almejada por jornalistas internacionais como Brent Cunningham, editor da *Columbia Journalism Review*, e Alan C. Miller, diretor do Projeto de Alfabetização Jornalística, segundo os quais a manutenção da democracia requer que os cidadãos não apenas saibam distinguir o que é confiável do que não é, mas também entendam o porquê devem saber, na linha defendida pela prática identificada, nos Estados Unidos, como *Media Literacy*. Tal visão previa dotar os indivíduos comuns de instrumentos capazes de torná-los “zeladores da informação”, tanto ao criar e publicar conteúdo original na rede quanto ao retransmitir notícias e informações criadas por outros, num esforço de alfabetização jornalística que deve envolver indivíduos e instituições voltados para a cultura, a educação e a própria comunicação (Almeida, 2011).

Estabelece-se, neste ponto, uma genuína conexão entre a formação do comunicador profissional e a formação do cidadão, articuladas, ambas, pela Educação Midiática ou pela Educomunicação.

O que se evidencia na passagem da primeira para a segunda década do século é a natureza da formação prospectada tanto por estudantes quanto por docentes ou profissionais: a busca por algo novo - em termos de procedimentos e de conteúdos - capaz de motivar e mobilizar a própria sociedade em torno ao fenômeno da comunicação, como tema de

interesse coletivo. Uma aproximação ao conceito e à prática da Educomunicação não exatamente como um componente curricular, mas como um paradigma questionador, na linha do que se definia, no âmbito não formal, como “ação cultural” ou “intervenção cultural”.

O ocorrido – mais precisamente o debate com os estudantes - deu-se dois anos antes da instalação, respectivamente na UFCG e na ECA/USP, de dois cursos graduação voltados expressamente ao tema da formação profissional na área da Educomunicação. Até aqui, nossas considerações sobre as duas primeiras expressões constitutivas do título do presente artigo (Educomunicação e Ensino da Comunicação). Vamos, na sequência, à terceira: a Formação Docente.

### **O que, afinal, pode a Educomunicação oferecer aos professores do ensino superior?**

Partimos da hipótese de que o novo conceito trouxe uma excelente oportunidade de renovação dos modos de conduzir uma pedagogia renovada para trabalhar com a nova geração de estudantes, seja da área da educação seja do campo da comunicação social. Aliás, foi justamente sobre este tema a primeira tese doutoral que orientamos no PPGCOM da ECA/USP, de autoria de Liana Gottlieb, sob o título “Como ajustar a sintonia da comunicação em mão dupla na sala de aula - as percepções anamorfóticas na comunicação professor-alunos no ensino superior através da práxis de um educador: Um estudo

de caso interdisciplinar - Comunicação, Educação e Psicologia”, defendida em 1998.

Na condição de psicodramatista, Gottlieb trazia para a cena sua experiência de dinâmicas dialógicas de trabalho em grupo, fortalecendo um dos princípios fundamentais da prática educacional, voltado à produção coletiva e colaborativa do conhecimento.

Além da postura comportamental envolvendo os sujeitos de um ecossistema comunicativo, a Educomunicação propõe o diálogo com as condições de vida e com as possibilidades de transformação social. A meta é a cidadania plena e o zelo pela casa comum, mediante um comprometimento explícito por parte dos sujeitos sociais! Estamos falando programaticamente de um certo “processo de intervenção” educativa, cultural e comunicacional.

Que a Educomunicação tenha sido reconhecida e legitimada justamente por romper com paradigmas tradicionais, especialmente no que diz respeito à ordem conteudista e bancária da educação, nenhum pesquisador da área contesta. Que para romper as barreiras do silêncio, nas práticas sociais, sejam necessárias ações capazes de mobilizar para o enfrentamento de padrões culturais consolidados, também é de fácil entendimento. Mas, afinal, o que poderíamos entender por intervenção “educativa, cultural e comunicacional”, quando falamos em prática docente?



Vamos em busca de respostas junto aos que se mostram familiares com o uso do termo: os centros de cultura. Começamos pela Enciclopédia Itaú Cultural<sup>7e</sup>, ao bordar o termo “Intervenção” relacionado à ação cultural, informa que a palavra tem sido empregada com múltiplos sentidos, indicando atividades destinadas desde a mobilização dos públicos para que as pessoas sejam motivadas a identificar determinados sentidos nas obras de arte, até mesmo para subversão de normas correntes, provocando o engajamento com proposições políticas ou com lutas em torno a problemas sociais.

No caso, segundo a Enciclopédia em consulta, a interrupção do curso normal das coisas vem através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento. O verbete lembra, ainda, que os projetos culturais nesta linha têm sido especialmente empreendidos por coletivos de artistas, quando não por movimentos sociais e comunitários. Outros nascem de iniciativas de organizações governamentais ou a partir de causas internacionais, como os movimentos em torno à diminuição da poluição e à crítica à globalização e ao neoliberalismo. Em outras palavras, para além das formalidades e dos discursos hegemônicos, ganham legitimidade processos alternativos de manifestação da cultura.

Victor Andrade de Melo (2006), em seu livro *A animação cultural: conceitos e propostas* define a Animação

---

7. <[enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao)>

Cultural como “uma tecnologia educacional” pautada em processos da mediação, visando contribuir para compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais inerentes à existência cotidiana. Nessa linha, a animação cultural converte-se em caminho de diálogo social. Está presente particularmente nas ações das organizações comunitárias, tendo em vista “provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade mais justa” (Melo, 2006, p. 29).

Num estudo sobre o trabalho de Melo, os professores Leôncio Reis e Fernando Cavichioli (2009) recordam a informação trazida por aquele estudioso, segundo a qual a aproximação dos reconhecidos autores britânicos Raymond Williams e E. P. Thompson em relação aos Estudos Culturais deu-se concomitantemente com suas manifestações de interesse pela cultura das minorias, preocupados que estavam com o tema da transformação social. O fato explica o apoio por eles dado ao emprego de temas de cultura para a melhoria do ensino noturno oferecido a operários ingleses, na década de 1950, entendendo que este tipo de intervenção pedagógica poderia superar a mera reprodução de conteúdos formais de ensino, favorecendo a formação para a vida em sociedade.

Posteriormente, embora o foco sempre se mantivesse voltado à intervenção política e social, esses

estudos foram disseminados em contextos acadêmicos e culturais diversificados e tiveram suas discussões ampliadas (Reis & Cavichioli, 2009, p. 358).

Fica evidenciado, assim que “a discussão a respeito da Animação Cultural, assim como dos Estudos Culturais, instaura-se a partir do desejo de modificar a realidade social e da crença de que uma atuação dentro da perspectiva da própria animação” poderia converter-se numa importante ferramenta para essa conquista. “O objetivo seria o estabelecimento de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, na qual os indivíduos pudessem viver livremente e de maneira digna, respeitando e mediando suas diferenças, reconhecendo e explorando suas possibilidades criativas, posicionando-se de maneira ativa e crítica perante a sociedade” (Reis & Cavichioli, 2009, p. 359).

Para o pesquisador português António Manuel R. Batista (2014), em artigo publicado na revista *Fórum Sociológico*, da Universidade do Minho,

a origem do conceito de animação, enquanto prática ligada à intervenção social, educativa e cultural, surge somente a partir de meados do século XX, mercê da recomposição do tecido social provocada pelo nascimento das sociedades industriais e da desintegração das chamadas sociedades tradicionais, com todos os problemas que uma alteração dessa natureza acarretou em termos de integração social, de participação comunitária, de comunicação interpessoal e de identidade cultural [...].

Problemas que ganharam expressão à medida que se ia assistindo à passagem de uma sociedade localizada (em que as identidades se confinavam, basicamente, ao território e à língua) para uma sociedade globalizada (em que as identidades passaram a apresentar um caráter transterritorial, multilinguístico e multimidiático) (Batista, 2014, p. 23-31).

Pois bem, a “ação educomunicativa” enquanto intervenção numa realidade dada, segue na linha de uma ação transgressora dos modelos tradicionais de práticas educativas e comunicativas, ao mobilizar, por exemplo, comunidades periféricas para assumirem seus espaços de fala, fazendo uso das modernas tecnologias, abrindo caminhos para a consolidação dos movimentos libertários relacionados aos direitos ocultados ou negados, desde que todo o processo passe pelos princípios que regem a dialogicidade e a solidariedade no pensar e no fazer.

Intervir, no caso, é multiplicar – mediante uma pedagogia baseada em projetos que incidam sobre estruturas mais sólidas – as oportunidades de exercício de práticas comunicativas colaborativas.

É o que indicamos como uma orientação que colabore para a renovação da pedagogia no ensino da comunicação: articular os conteúdos das áreas disciplinares ou das próprias disciplinas a projetos de intervenção na sociedade, envolvendo os alunos. O que

sugerimos não pode ser entendido como mero verniz passado sobre mobília antiga. Estamos apontando, na verdade, para uma mudança de paradigma na abordagem da prática de ensino. Podemos falar, até mesmo, de uma certa “transmetodologia”, possível graças à prática educomunicativa, como propõe o professor Alberto Efendy Maldonado, da UNISINOS, que acaba de publicar um artigo intitulado “Cidadania comunicativa e transmetodologia” (*Comunicação & Educação*, primeira edição de 2022), trazendo à tona a necessidade do professor de comunicação rever sua missão frente às necessidades e demandas contemporâneas a partir da perspectiva da intervenção social, via Educomunicação.

### **A transmetodologia educomunicativa**

Lembra inicialmente o professor Alberto Efendy, que

Os campos científicos como institucionalidades concretas, presentes nas formações sociais, emergiram no século XIX como uma necessidade de organização sistemática da vida econômica, política, social, militar e cultural dos países hegemônicos, [...] formulando conjuntos disciplinares de conhecimentos sistematizados, funcionais à lógica da acumulação, expansão e controle da economia-mundo (Maldonado, 2022, p. 7).

Segundo o autor, a reversão desta lógica necessitaria de uma perspectiva transmetodológica que trabalhe “um conjunto crítico transformador de epistemologias, que conflua na sua postura problematizadora do *status quo* estabelecido pela ciência oficial positivista” (Maldonado, 2022, p. 7).

Segundo o mesmo autor, no início da terceira década do século XXI, a dimensão ecológica das problemáticas de pesquisa se renova e se situa de modo incontestável no centro das preocupações investigativas e produtivas. É neste contexto que a premissa transmetodológica vem para afirmar o primado da vida, das espécies – especialmente a humana – e da urgência de se promover procedimentos que facilitem o bem-viver no planeta Terra (Maldonado, 2022, p. 8).

Para esta tarefa, concordamos com Maldonado em apontar o campo de interface Comunicação/Educação: é nessa realidade que a investigação acadêmica e científica em comunicação, de um lado, e a própria atuação dos docentes da área, de outro, precisam concentrar esforços, para produzir impactos sociocomunicacionais educacionais que contribuam para a produção de conhecimentos que superem o funcionalismo dos paradigmas tradicionais, favorecendo o reconhecimento da diversidade cultural, social e política da existência humana, contribuindo para a formação de novos operários – educadores e/ou comunicadores - para a realidade que se pretende transformar (Maldonado, 2022, p. 8-9).

Traduzindo para a linguagem tradicional, estamos falando de uma pedagogia educomunicativa mediada por projetos que motivem e mobilizem os professores e estudantes para uma prospecção sobre sua própria identidade como sujeitos vocacionados para a transformação que se faz necessária. Uma pedagogia que responda aos questionamentos da juventude reunida nos Encontros Regionais de Estudantes de Comunicação (ERECOM), nos idos de 2008, e que clamava por uma *educação de qualidade* que possibilitasse ao futuro profissional converter-se em agente promotor da cidadania e dos direitos de expressão de todos os grupos sociais.

Uma pedagogia por projetos que colabore para transformar o mundo de uma maneira distinta das tentativas feitas no século XX, que lamentavelmente mostraram carências éticas, políticas, tecnológicas, psicológicas e culturais.

E nesta rota, o autor propõe a práxis educomunicativa, “quando exercida de modo multilético, ou seja, trabalhado por dialéticas múltiplas, em confluências e confrontações necessárias para resolver os problemas, produz mudanças qualitativas na constituição dos sujeitos comunicacionais. Essa práxis comunieducativa dota esses sujeitos comunicantes de capacidades de análise, compreensão, investigação, reflexão e produção comunicacional. Concomitantemente, gera conhecimentos relevantes

para a transformação das formações socioeconômicas vigentes e para a instauração de novos modos e formas de pensamento, de comunicação, de vida sociocultural, de educação, de estruturação política e de desejos” (Maldonado, 2022, p. 11).

### **A Educomunicação chega à Graduação**

No mesmo período em que o Programa de Pós-Graduação da ECA/USP acolhia um projeto de pesquisa proposto por Rose Mara Pinheiro, voltado à avaliação da produção acadêmica da primeira década do século XXI sobre o conceito e a prática da Educomunicação no Brasil, estavam sendo implantadas as propostas de instalação de dois programas de graduação direcionados à formação de profissionais no campo: um bacharelado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em 2010, e uma licenciatura, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 2011. Já a defesa da tese de Pinheiro ocorreu em 2013, servindo como referência para inúmeras propostas de análise das produções acadêmicas regionais sobre o tema.

Quanto aos programas de graduação, é importante lembrar que os dois cursos pioneiros entendem que a formação do profissional só se completa quando os próprios estudantes se inserem, mediante uma pedagogia de projeto, em reflexões e atividades



que representem processos de imersão na realidade<sup>8</sup>. Para tanto, nos dois cursos, a grande virtude que se cultiva e se promove é a do diálogo colaborativo que beneficia tanto os estudantes quanto os professores e orientadores, na descoberta das melhores formas de se atender as demandas pela prática educacional, na sociedade, associando, num mesmo ato pedagógico, a Educação, o Ensino da Comunicação e a Formação Docente.

### Referências

ALMEIDA, M. C. R. A formação do jornalista em transição. 7º **Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero**, nov. 2011. Disponível em: [casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Maria-Cristina-Rosa-deAlmeida.pdf](http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Maria-Cristina-Rosa-deAlmeida.pdf).

---

8. Vale lembrar que o Prêmio Expocom - Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação – entregue durante o 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2020) – contemplou o trabalho de um estudante do Bacharelado em Educação da UFCG, na categoria Produção Transdisciplinar, com o melhor roteiro de games. A pesquisa foi desenvolvida pelo estudante Jefferson Valentim, sob a orientação da professora Dra. Kellyanne Alves. O roteiro do game, intitulado *Yaci: A lenda do nascer da noite*, foi inspirado na lenda do surgimento da noite, escrita por Maria do José Castro Alves, no livro *Lendas e Mitos do Brasil*. De acordo com a orientadora, o trabalho foi elaborado com base nas estratégias educacionais pensadas a partir da ética de Michel Foucault. O objetivo é o jogador, de forma lúdica, compreender seu interior para depois compreender como atuar melhor coletivamente na sociedade e agir de forma ética. Disponível em: <[portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/2443-aluno-da-ufcg-vence-premio-expocom-2020-da-intercom.html](http://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/2443-aluno-da-ufcg-vence-premio-expocom-2020-da-intercom.html)> Acesso em: 13/10/2022.

BATISTA, A. M. Animação Sociocultural: imprecisões, ambiguidades, incertezas e controvérsias de uma ocupação profissional. Fórum sociólogo, **SICS-NOVA**, Un. do Minho, n° 25, p. 23-31, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/sociologico.898>>

CALDAS, M. G. C. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, v. 27, n. 44, p. 85-101, 2005.

COSTA, E. R. **Educomunicação e políticas públicas**: Estudo comparativo em educação midiática nas redes municipais de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, 2018.

GOTTLIEB, L. **Como ajustar a sintonia da comunicação em mão dupla na sala de aula as percepções anamorfóticas na comunicação professor-alunos no ensino superior através da práxis de um educador**: um estudo de caso interdisciplinar - comunicação, educação e psicologia. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, 1998.

MALDONADO, A. E. Cidadania comuneducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. **Comunicação & Educação**, v. 27, n. 1, p. 05-14, jan./jun. 2022.

MATTOS, M. A. Modelos de formação do Comunicador Social no Contexto da Universidade de Serviços no Brasil: dos anos 40 ao terceiro milênio. **Atas do IV SOPCOM**. Aveiro, 20 a 21 de outubro de 2005.

MELO, L. F. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, 2016.

MELO, V. A. **A animação cultural: conceitos e propostas.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

PEREIRA, M. M. **A fotografia na educação infantil: perspectivas educacionais.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - ECA/USP, 2021.

PINHEIRO, R. M. **A educação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - ECA/USP, 2013.

REGINALDO, T. & SARTORI, A. S. Da pedagogia da Educação à pedagogia na Educação. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 2, p. 70-80, jul./dez. 2020.

REIS, L. J. A.; CAVICHIOLLI, F. R. Resenha do livro “A Animação Cultural: conceitos e propostas” de Victor Andrade de Melo. **Movimento**. [S. l.], UFRGS, v. 15, n. 3, p. 357–371, 2009. Disponível em: <[seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/7519](http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/7519)>. Acesso em: 6 set 2022.

SBERGA, A. A.; SILVA, A. P. C.; ALMEIDA, M. L. R. (Orgs.). **Currículo da Rede Salesiana Brasil de Escolas: caderno 6** – parâmetros institucionais de qualidade educacional. Brasília: Rede Salesiana Brasil, 2021.

SOARES, I. O. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato - Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**. Brasília, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999, p. 5-75. Disponível em: <[nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares\\_RevContato\\_1999.pdf](http://nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf)>

SOARES, I. O. A Educação na segunda versão

da BNCC: Caminhos para uma alfabetização midiática e informacional integrada ao currículo. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, C. E.; BRASIL, J. X. (Orgs.). **Educomunicação e Alfabetização Midiática: conceitos, práticas e interlocuções**. São Paulo: ABPEducom, 2016. Disponível em: <[issuu.com/abpeducom/docs/livro\\_4\\_final](http://issuu.com/abpeducom/docs/livro_4_final)>.

SOARES, I. O. A Educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. **Comunicação & Educação**, v. 21, n. 1, p. 13-25, 2016.

SOARES, I. O. A articulação entre Educomunicadores e Mídia-Educadores: no contexto da reforma curricular do ensino básico (BNCC), no Brasil. **Anais do II Congresso Internacional de Educação Midiática**. Juiz de Fora, 23 a 25 de outubro de 2017. Disponível em: <[cicom.observatoriodoaudiovisual.com.br/p/anais.html?m=0](http://cicom.observatoriodoaudiovisual.com.br/p/anais.html?m=0)>.

SOARES, I. O. Educomunicação: um diálogo com os cursos de Comunicação Social, no Brasil. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; CARILHO, Kleber; BASTOS, Robson. (Orgs.). **Realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil**. São Paulo: Fórum Ensicom – Intercom, 2017. Disponível em: <[portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-ensicom05102017.pdf](http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-ensicom05102017.pdf)>.

SOARES, I. O. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 1, p. 7-24, 2018.

SOARES, I. O.; VIANA, C. E.; XAVIER, J. B. (Orgs.) **Anais do V Encontro Brasileiro de Educomunicação: Educação midiática e políticas públicas**. São Paulo: ABPEducom, 2016. Disponível em: <[abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/19](http://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/19)>.

SOARES, I. O.; VIANA, C. E.; XAVIER, J. B. (Orgs.)  
**Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural.** São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em: <<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal>>